

## Introdução

A vida é dialógica por natureza. Viver significa participar de um diálogo: interrogar, escutar, responder, concordar etc. Neste diálogo o homem participa todo e com toda a sua vida: com os olhos, os lábios, as mãos, a alma, o espírito, com o corpo todo, com as suas ações. Ele se põe todo na palavra, e esta palavra entra no tecido dialógico da existência humana, no simpósio universal.

Mikhail Bakhtin<sup>1</sup>

Aprender a arte de bem dizer é já e também aprender a ser.

Olivier Reboul

Desde 1992 venho assessorando autores na escrita de textos acadêmicos, em diversos campos de conhecimento: fonoaudiologia, principalmente, área em que sou formada, psicologia, educação, mas também em economia, administração, engenharia, agronomia. Não raramente, desperta a curiosidade de meus clientes o fato de uma fonoaudióloga se dedicar a esse trabalho, o que é bastante compreensível, já que ainda hoje somos comumente identificados como *profissionais que se dedicam à fala*, e não à escrita<sup>2</sup>.

Desfeito esse mal-entendido, outras indagações surgem assim que, sentados frente a frente, começamos a nos dedicar ao texto. Surpresos com o trabalho que vai muito além da identificação de erros e da simples adequação às normas da língua-padrão, os autores, invariavelmente, sentem-se muito mais próximos de suas idéias, mais conscientes da maneira como as articularam, dispostos a se dedicar um pouco mais ao trabalho, ainda que muitas vezes com o prazo de entrega quase esgotado.

---

<sup>1</sup> Apud Clark e Holquist, 1998, p. 13.

<sup>2</sup> Uma das áreas de competência do fonoaudiólogo é, de acordo com o Conselho Federal de Fonoaudiologia, aperfeiçoar a comunicação humana, tanto da linguagem oral como da escrita (Exercício Profissional do Fonoaudiólogo, 7º Colegiado, Gestão 2001/2004, p. 12).

Essa nova disposição acontece porque, na verdade, intervenho no texto visando não só aprimorá-lo, mas também buscando *apresentar ao autor a sua própria escrita*.

O leitor deve ter ficado intrigado com essa última afirmação, afinal, quem escreve deve saber muito bem sobre o seu próprio texto, o que dispensaria apresentações. Sim, de fato sabe, conhece o tema que pretende abordar em sua dissertação, leu diversos livros sobre ele, realizou a pesquisa, selecionou o material a ser analisado, discutiu, tirou conclusões, referendou ou não outros estudos sobre o mesmo tema, enfim, contribuiu para o debate de idéias.

Porém, muitas vezes, esse rico e fértil movimento não está registrado no todo da dissertação, apenas insinuado em algumas linhas, em certos trechos; é preciso, ainda, um trabalho de composição e acabamento textual para que o autor efetive o diálogo com o leitor, dando-lhe elementos para pensar, concordar, refutar e conhecer efetivamente o estudo que lhe é apresentado.

É preciso que o autor se aproprie de suas palavras, compondo-as intencionalmente para direcionar o debate de acordo com suas pretensões profissionais e pessoais.

É nesse momento que a natureza de meu trabalho de assessoria tem se mostrado significativa: o que apresento ao autor são as qualidades e as falhas em sua maneira de dissertar, sugerindo possibilidades de potencializar as primeiras e de superar, na medida do possível, as segundas. Para isso, porém, preciso escutá-lo com atenção, escutar as palavras que escreveu e aquelas que lhe escaparam no momento em que elaborava o trabalho.

Aprimorar, de meu ponto de vista, não significa, porém, “tapar buracos” da ordem do conteúdo das idéias, escamotear desconhecimentos, limitações. Ao contrário, esses *buracos* precisam evidenciar-se na forma de apresentação do texto, porque muitas vezes

são justamente as imperfeições de uma dissertação que apontam caminhos para possíveis novas formulações, para construção do saber e até mesmo para aprofundamentos e superações futuras por parte do autor. O não-saber leva ao saber.

Pode parecer paradoxal, talvez seja, mas um texto bem escrito contribui para o desvendamento da falha, tornando-a mais clara, primeiramente para o próprio autor, mas também para o orientador ou até para a banca examinadora, o que, penso, só colabora para o enriquecedor confronto de idéias, para o *simpósio universal*.

Na verdade não tenho como propósito contribuir para a padronização da escrita a ponto de o autor perder marcas pessoais de articulação dos conhecimentos. Ainda que na academia não sejam permitidas grandes liberdades estilísticas, não pretendo colaborar para a composição de um texto submetido a leis que pouco sentido fazem ao ato de criar um dizer próprio. Por isso considero fundamental que, após as modificações por mim sugeridas, o autor e eu nos encontremos, com tempo suficiente para nos dedicarmos ao texto.

E é nesse momento que os autores contam as dificuldades que enfrentaram na busca de soluções para os mais diversos problemas de composição textual, desde a escolha da pessoa do discurso, passando pela maneira de apresentar a revisão da literatura, de analisar o material empírico, de finalizar o texto, até dúvidas quanto à pontuação e ao uso de crase.

Também surgem as angústias com relação à publicação das idéias, as inseguranças profissionais, os riscos de assumir filiações teóricas e a pouca intimidade com a escrita que, não raras vezes, dificulta, e muito, a exposição daquilo que se quer dizer. Aliás, muitas vezes me surpreendo com o descompasso entre o texto *truncado* e a desenvoltura oral da pessoa que se encontra diante de mim. Explico: a escrita nem sempre apresenta o autor, ou melhor, sua dedicação ao trabalho e o

aprofundamento que efetivamente conseguiu realizar a partir do estudo ao qual se dedicou. Imprecisões, informações incompletas, referências pouco claras, redundâncias, ambigüidades: o autor não se transformou em leitor do próprio texto, faltaram-lhe recursos para distanciar-se a fim de melhor avaliá-lo, observando se cumpriu seu objetivo; não pôde, por motivos de diversas naturezas, cuidar suficientemente bem de sua *cria*.

As dificuldades para redigir o trabalho podem, de fato, esconder o alcance da obra, o potencial do autor, o que, não raras vezes, gera angústias da seguinte ordem: *quero me comunicar, mas não sei como; quero dizer exatamente o que penso, mas as palavras me faltam, meu pensamento é mais rápido, a escrita não consegue acompanhá-lo; tenho o que dizer, mas não sei se posso, não sei se serei compreendido*.

Mas, em meio a esses problemas, posso captar também o desejo de realizar estudos significativos, de dividir com os leitores momentos importantes de seus percursos profissionais, de trazer a público investimentos pessoais.

Todos esses aspectos conflitantes que surgem entre o autor e a obra, porém, só podem se fazer presentes porque nos encontros o que procuro é possibilitar uma aproximação amorosa de algo que é produzido pelo outro, criado a partir de um investimento de si.

A respeito desse ato de criar, diz Winnicott (1999, p. 23):

... a criatividade é o fazer que, gerado a partir do ser, indica que aquele que *é está vivo* (...). Para poder ser, e para ter o sentimento de que *é*, deve-se ter uma predominância do fazer-pelo-impulso sobre o fazer-reativo (grifos do autor).

É justamente a diferença entre estes dois movimentos, quais sejam, o *fazer-pelo-impulso* e o *fazer-reativo*, que é passível de ser

captada quando o autor e eu, na qualidade de assessora, dedicamo-nos ao texto.

Podemos identificar então momentos em que o autor escreve de maneira mais entregue e verdadeira, revelando algo de si mesmo, de suas preocupações, bem como as de seu grupo de trabalho, impulsionado pelo desejo de se afirmar diante do outro com um dizer próprio, apresentando o momento histórico da área de conhecimento em foco. O texto, assim, ganha fluência, mesmo com possíveis descuidos com relação a certas especificidades da escrita.

Esses momentos, porém, acabam por coexistir com outros em que o autor se coloca como mero reproduzidor de teorias, temeroso de assumir concepções, disfarçando desconhecimentos, num fazer que apenas e tão-somente apresenta suas desconfianças quanto a sua capacidade de criar.

Há, portanto, uma grande diferença entre ser impulsionado pelo desejo de *se dar a conhecer ao outro*, apropriando-se criativamente das ferramentas para isso e se permitindo questionar e desafiar ordens estabelecidas, e *submeter-se ao outro*, o que leva à elaboração de um texto obediente, em que se diz apenas o que e como se imagina que todos queiram ouvir, perpetuando o já constituído por temor do novo, do pessoal, da marca, da assinatura.

De fato, o limite é tênue, pois há sim leis a serem respeitadas, já que organizam a composição textual acadêmica a fim de permitir a comunicação com o leitor. Essas leis abarcam desde o planejamento da pesquisa até sua efetiva realização e dizem respeito às diversas maneiras de teorizar, de construir saberes. Conhecê-las é absolutamente fundamental ao autor do texto acadêmico, isso porque as decisões a serem tomadas dependem do quanto ele tem clareza de aspectos básicos, de procedimentos tais como: o que significa pesquisar, se o tema a ser pesquisado é relevante, se efetivamente

resultará em contribuição para a área de conhecimento em pauta, se as perguntas que suscita são pertinentes, qual o significado de selecionar fontes de informação sobre o tema, como estas podem ser sistematizadas e interpretadas de maneira que favoreça a produção das respostas pretendidas (cf. Luna, 2002).

Buscar o discernimento desses aspectos significa encontrar parâmetros de organização de algo que, de início, apresenta-se caótico, pois pertence ao rico universo do pensar. A questão que se coloca é: como pôr ordem no caos sem perder de vista a construção criativa de conhecimento? Neste livro, indico caminhos para que cada autor encontre sua resposta.

Na verdade, essa questão remete a algo que, na visão de Winnicott (1975), está presente desde o início da vida de cada um de nós, sendo parte, portanto, da natureza humana. Seria, pois, a tarefa jamais completada de aceitação da realidade que nos leva a procurar alívio para a tensão de relacionar impulsos pessoais e realidade compartilhada. Para tanto, segundo o autor, constitui-se uma área intermediária de experiência (espaço potencial ou transicional), a qual está em continuidade direta com a área do brincar da criança pequena.

... desde a infância essa área intermediária é necessária para o início de um relacionamento entre a criança e o mundo. Através da vida é conservada na experimentação intensa que diz respeito às artes, à religião, ao viver imaginativo e ao trabalho científico criador (Winnicott, 1975, p. 30).

Winnicott (op.cit.) acredita que nascemos todos com potencial para criar, para encaminhar de maneira pessoal nossas questões mais fundamentais. Segundo o autor, nos primórdios de nosso desenvolvimento, desde que encontremos um meio ambiente facilitador, vivemos a ilusão de que aquilo de que mais necessitamos foi criado por nós, não tendo existência antes de nós. A partir dessa ilusão saudável,

dessa onipotência, podemos nos tornar então *qualitativamente enriquecidos*, capazes tanto de nos adaptar às exigências do ambiente como também de recusar a nos adaptar, o que nos transforma em pessoas em condições de fazer escolhas.

Pensando no tema deste livro, podemos dizer que a necessidade de apropriação das peculiaridades da linguagem escrita, mais especificamente da escrita acadêmica, algo já existente antes de nos sabermos pessoas potencialmente aptas a falar, escrever, ler, conhecer, remete-nos a momentos muito primitivos de nossa constituição como pessoas, quando vivemos a onipotência fundamental, tão bem caracterizada por Winnicott (op. cit.).

Acredito, pois, que muitas das angústias vividas pelos autores do texto acadêmico advêm do conflito entre o fazer-reativo e o fazer-pelo-impulso, ou seja, do momento em que, enfim sabedores de que o mundo já estava todo construído, pronto antes de nós, temos de nos adaptar às exigências do ambiente sem que isso fira definitivamente nossa necessidade de afirmar um dizer próprio.

Lembro-me de que, em uma palestra sobre a escrita do texto acadêmico, uma das mestrandas contou que, no início do curso de pós-graduação, viveu a *ilusão* de que teria algo inédito a dizer, mas com o tempo foi perdendo-a, pois tomou conhecimento de todos os estudos já existentes sobre o tema. Diante da perda da ilusão, como encaminhar o desejo de criar? Como nos apresentar o arsenal de conhecimentos e informações já existentes sem nossa participação de maneira que não nos sintamos impotentes ou desnecessários? Como estabelecer o diálogo com as teorias para, enfim, construir algo novo a ser então compartilhado nessa cadeia significativa de comunicação entre estudiosos de diversas épocas, representantes de inúmeras maneiras de conceber o mundo humano? Numa palavra, como encaminhar o

processo de *desilusão*, tão fundamental para nos constituirmos como pessoas quanto o da ilusão?

Destaco aqui dois parâmetros sobre os quais tenho me pautado para contribuir na resposta a essas questões: nos textos sobre os quais me atendo observo se os recursos próprios do gênero discursivo dissertativo foram utilizados de modo que o diálogo com o leitor possa se estabelecer; e procuro sempre, na produção escrita, partir daquilo que apresenta o impulso criativo do autor para, então, fazer os ajustes necessários, procurando afinar a necessidade de afirmação de um dizer próprio com as exigências da realidade compartilhada no campo da ciência.

O produto final é uma escrita investida de personalidade e não submetida aos desejos dos outros.

O que apresento a seguir é, pois, um registro desse trabalho de aprimoramento da escrita que há anos venho realizando e que não se resume à correção pura e simples de erros de português, substituição de palavras, observação de coerência e coesão textual, até porque para escrever é preciso mais do que o conhecimento da língua, gramatical<sup>3</sup>; é preciso, antes e sobretudo, que tenhamos clareza dos objetivos que nos levam a produzir, em um dado contexto, determinado gênero discursivo, bem como o domínio de suas peculiaridades. Porém, para isso é também necessário que o autor se perceba com potencial para apresentar-se imaginativamente. E é justamente nesse aspecto que dou minha contribuição, apontando no texto o que há de potencialmente criativo e que, portanto, deve ser esteticamente destacado.

---

<sup>3</sup> “Fernando Pessoa, no *Livro do desassossego*, diz que a gramática, por exemplo, deveria ser compreendida como um instrumento, não como uma lei, e que aqueles que se restringem a obedecê-la, na verdade, não sabem pensar o que sentem, mas quem dela se serve é porque é capaz de mandar em suas expressões” (Perrotta, Märtz, Masini, 1995, p. 54). Mais adiante, as autoras lembram, citando Mário de Andrade, que só quem conhece muito bem a linguagem pode trabalhar o erro como um ir além das convenções, que se tornam inúteis pelas novas exigências de uma nova expressão (Perrotta, Märtz, Masini, op. cit.).

O que o autor encontrará neste livro são critérios para reler seu texto pensando se está de acordo com o que pretendia dizer a seu leitor, bem como respostas para as dúvidas que nos acometem sempre que precisamos escrever algo, pretendendo fazê-lo de maneira que instigue reflexões, concordâncias ou discordâncias.

Existem várias possibilidades de penetrar neste livro; ou seja, procurei oferecer um cardápio sortido, alimentos de diversos sabores: há momentos de reflexões mais densas, outros em que trago exemplos de questões que envolvem a linguagem escrita. Esses exemplos referem-se, basicamente, às dificuldades, angústias, por vezes, aos verdadeiros dramas que o autor enfrenta ao compor seu trabalho.

Também selecionei trechos de artigos da imprensa escrita a fim de destacar determinados recursos expressivos utilizados pelos autores para envolver os leitores nos temas discutidos. Meu objetivo, com isso, é mostrar ao autor do texto acadêmico que nas leituras cotidianas ele também pode encontrar importantes referências sobre o universo da linguagem. Não é necessário, e nem aconselhável, portanto, que para escrever um trabalho científico o autor se restrinja a ler textos da mesma natureza. Ao contrário, é na contraposição entre diversos gêneros de discurso e no intercâmbio entre eles que podemos enriquecer nossos dizeres, diferenciando-nos e nos permitindo aprender novas e ricas formas de expressão.

É por essa razão que elaborei dez exercícios de escrita, no capítulo 6, que têm como objetivo possibilitar que o autor do texto acadêmico crie e desenvolva capacidades lingüísticas em várias situações discursivas. Esses exercícios podem ser feitos depois de concluído o livro, na seqüência proposta, ou durante a leitura. De qualquer forma, o importante é fazê-los; são instigantes, fazem pensar e, certamente, podem auxiliar muito na confecção do texto.

Há também quadros no final de cada subtítulo, nos quais retomo e sintetizo pontos cruciais. Um desses quadros leva o título: Quem é o seu leitor? Com isso pretendo lembrar que devemos contemplar as várias facetas do leitor que estarão presentes no ato da leitura e irão orientar a composição de nosso texto, a maneira como iremos oferecer alimento, as estratégias de que lançaremos mão para apresentar nossos dizeres de forma atraente e instigante.

Além disso, discuto outros aspectos que envolvem a escrita e que dizem respeito ao ato de criar.

O que pretendo é oferecer formas de o autor se apropriar de sua criação, assumindo posicionamentos e procurando registrá-los, intencionalmente, na trama do texto; ou seja, meu objetivo é contribuir para que o autor do texto acadêmico se torne apto a fazer escolhas, que o processo de elaboração escrita contribua para que desvende aspectos de seu ser e que se coloque todo na palavra, naquela que *entra no tecido dialógico da existência humana*.

### **Sobre os títulos do livro e dos capítulos**

Os títulos do livro e dos capítulos são uma alusão à música “Mesmo que seja eu”, de Roberto e Erasmo Carlos. O refrão “você precisa de um homem pra chamar de seu, mesmo que seja eu”, assim como toda a letra, fala de ilusões e desilusões amorosas, da necessidade de revermos nossas idealizações para, enfim, aproximarmos-nos do que é possível realizar. Ainda que, de imediato, o trecho “mesmo que seja eu” remeta a um certo conformismo, ao abandono de sonhos, se prestarmos um pouco mais de atenção, veremos que quem fala na canção não é alguém desprezível, alguém menor que temos de aceitar por não conseguirmos o melhor. Ao contrário: é alguém dotado de sensibilidade, de vitalidade, ainda que,

diferente do sonho, não porte a espada que salva do dragão. Há, portanto, certa ironia em “mesmo que seja eu”, pois, fora desse eu, não há salvadores, mas sim feras, e solidão.

São feras e solidão que o autor encontra quando abandona o ideal de produção e decide enfrentar a confecção do texto, os embates cotidianos entre o desejo de criar e os limites para tanto.

Não é pretensão deste livro apresentar-se como salvador, mas sim auxiliar na hora do parto, para que o autor do texto acadêmico dê à luz o próprio trabalho, com alguma dor, mas sem tanto sofrimento....

No primeiro capítulo, “Sozinho no silêncio do seu quarto: por onde começar”, proponho reflexões que, certamente, auxiliarão o autor a colocar ordem no rico caos do pensar. No segundo, “Aumente o rádio e dê a mão: o possível e necessário encontro com outros dizeres”, aponto caminhos para a apresentação das parcerias e para que o autor encontre formas de localizar o trabalho no arsenal de estudos disponíveis, desmistificando idéias sobre o ineditismo daquilo que se tem a dizer. No terceiro, “Com a força do seu canto, apresente-se ao leitor”, afirmo a importância do posicionamento do autor. E no quarto, “Um texto pra chamar de seu”, forneço um roteiro de releitura do próprio texto, parâmetros que auxiliarão no acabamento do trabalho e, conseqüentemente, em sua apropriação por parte do autor.